

RESENHA CRÍTICA DA OBRA “GREVES DE CRIANÇAS EM 1911”, DE DAVE MARSON (1973)

Alexandre da Silva Borges 1

Adriana Silveira Coronel 2

Dave Marson explora um período onde as greves generalizaram em resposta aos desajustes entre as classes. Trata-se da relação entre opressor e oprimidos, exposto num cotidiano de trabalhadores e, como enfoca o texto, crianças, em meados de setembro de 1911. Em geral, o contexto apresenta uma agitação identificável, de profissionais com articulações mais ou menos definidas. O autor parte de Hull, localizada no Reino Unido, identificando mobilizações em escolas, bem como nas demais localidades (mais de 62, cita Marson). As crianças “desafiaram” as autoridades! Esses movimentos tomam, particularmente, a Escócia, a Inglaterra e a Irlanda.

O início da obra aponta uma diferença crucial na composição e consciência de classe dos estudantes, ante aos demais grupos – como no caso dos estivadores. Essa reflexão inicial expõe a falta de empatia entre os pares (alunos) frente aos exageros das autoridades (professores) – como no caso dos castigos que, colocados a um único indivíduo, não eram questionados pelos demais. Não havia “adesão” à causa do companheiro. Por outro lado, com os estivadores, por exemplo, a união era um requisito – o apoio mútuo entre os membros da classe refletia não apenas a consciência, como também a organização na busca de melhorias. Eis um ponto fundamental da obra, que instiga nossas atitudes perante à classe que fazemos parte. Contudo, há uma mudança de atitude dos estudantes.

Primeiro os marinheiros e os estivadores, depois os moleiros, os construtores civis, os trabalhadores da madeira, dos caminhos de ferro, os ardinhas, as operárias e agora os alunos das escolas. (p. 13)

A organização dos estudantes logo ganhou as ruas, e como numa cópia dos movimentos dos demais grupos, como os operários, gritavam palavras de ordem e conclamavam um maior número de participantes. Os atos se mostravam violentos em alguns momentos, segundo as narrativas jornalísticas, porém quando tentativas de repressão à greve “contra a vara” ameaçavam conter o movimento. Toda essa moção indica o instante da tomada de consciência, do ato de rebelar-se frente à “vara” que, de maneira simbólica, traz todo um universo, próprio do microcosmo escolar. As vestes, os cabelos rapados e os “olhos profundos” dos estudantes apontavam sua realidade. Os relatos ainda frisam que nas ruas, eles se apresentavam sem meias e botas (que na escola tinham que estar limpas e lustradas) – fato que indica o desejo libertário, o desvencilhar das amarras.

Os indícios de indignação das crianças rompem com o instituído, na medida em que entendemos que a infância confere ao sujeito um mundo de privações e, muito além disso, castrações. A criança está circunscrita em normas, regras que muitas das vezes desfiguram a

1- Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor de História no Albert Colégio (Pelotas). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3628774912594179>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2572-0074>. E-mail: alexandreborgesh@gmail.com

2- Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora na Rede Municipal de Pelotas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5975032013303151>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6688-5353>. E-mail: adriana coronel@hotmail.com

própria imagem da infância. Há uma negligência para com o infante, sendo que o mesmo só é digno de “validade” quando cresce, culminando na maioridade. Logicamente, há evoluções históricas e nuances importantes nesse sentido, pois o trato com a infância, a partir dos adultos e responsáveis, varia de acordo com a cultura, com o período e com a peculiaridade do núcleo familiar.

Vale frisar ainda, que em outros tempos a criança era vista como um “mini adulto”, trabalhavam tal qual seus pais em fábricas, dentro de máquinas, expostas a toda periculosidade. Portanto, a noção de infância do contexto de escrita da obra de Marson deve ser crucial para o entendimento da obra. Ressalta-se aqui a postura midiática da época, a qual tratou com ironia o movimento estudantil, sem o desenvolvimento de um questionamento sério. Contudo, a configuração da organização dos estudantes grevistas de Hull, por exemplo, expõe mais que as características da criança no ano de 1911, pois abarca uma “revolução” entre as polaridades “aluno-professor” ou “opressor-oprimido”.

Mas, o que leva duas crianças, uma de 6 e outra de 8 anos (Tillyer e Bermondsey) serem acusadas, em tribunal, por “vagabundagem”? De maneira geral, também mencionavam os estudantes envolvidos na greve como oriundos de uma “Classe ociosa”, sendo que muitos deles trabalhavam nas fábricas, acumulando uma outra jornada. A desestabilização da ordem a partir da greve sempre foi desculpa para a represália. Contudo, o caso em questão é gritante, já que não se trata de um sujeito qualquer, mas sim de crianças de primeira idade. O contexto da greve contou com crianças de até mesmo 3 anos. As reivindicações iam desde o cancelamento dos castigos (varas, cintas etc.), como a exigência de “[a]parelhos de aquecimento”, “menos horas”, “lápiz e borrachas gratuitas”, “interrupção lectiva na época da apanha da batata” (p. 24) entre outras exigências.

Figura 1 - Hull, Crianças em Greve, 1911 (Capa da obra de Dave Marson)



Fonte – Capa de bibliografia

Nesse ínterim, outras questões emergem na análise do texto: é equivocada a própria classe decidir sobre a configuração de suas tarefas e participar efetivamente das decisões sobre os assuntos que lhes compete? Como nos dispomos em nossos trabalhos? Há diferenças entre as classes e grupos de trabalhadores, bem como dos movimentos sindicais no Brasil. Há uma maior consciência e engajamento por parte de alguns, em detrimento de outros. E as crianças, como se colocam nesse cenário de “disputas” ideológicas e de valores?

O capítulo intitulado “*Junta-te e segue-me*” apresenta uma sólida e detalhada apresentação dos fatos que expressam a revolta dos mais interessados sujeitos do espaço escolar, o educando. A partir daí, a obra enfatiza os ditames de uma estrutura de ensino

pautada na disciplina, na hierarquia e na diferença, o instituído. Nesse espaço, há uma clara negligência com a infância e uma articulação do ambiente escolar com o ideal capitalista, o qual se consolida nessa sociedade moderna. Desse modo, pode-se dizer que às classes menos favorecidas era oferecida uma formação para o mundo do trabalho – porém uma formação distante de uma postura omnilateral – segundo os postulados de Marx – ou seja, uma educação integral, distinta de uma capacitação unilateral, própria da condição alienante. Esse fato permeia as relações educacionais atuais. Discussões acerca da Educação Profissional nos faz pensar no direcionamento da formação de mão-de-obra para um nicho identificável da população, os mais desfavorecidos. Fato que deve ser desconstruído.

A obra de Dave Marson nos dá fôlego para pensar nas engrenagens da história, decisivas para uma tomada de força dos menos favorecidos e oprimidos. O texto ainda relata a diferença entre os gêneros, já que era visível uma menor participação das meninas nas greves que, segundo Marson (p.42), era devido ao maior controle das mães. Contudo, percebemos hoje que se trata de uma estrutura de opressão ainda maior, que castra o poder feminino de expressão. O empoderamento feminino, felizmente, apresenta uma outra realidade no presente. Contudo, mesmo em 1911, há uma expressiva participação de “raparigas” nas greves estudantis.

No capítulo intitulado “*Classe ociosa*”, Marson esmiúça os detalhes da vida dessas crianças – contexto típico da classe operária inglesa, desde a formação das cidades criadas a partir da Revolução Industrial, intimidades próprias de um capitalismo despreocupado com o bem estar da classe trabalhadora. Na realidade apresentada pelo autor, as crianças sofrem das mais descabidas atrocidades, fruto da pobreza e da indiferença do Estado. A penúria dos seus lares e os maus tratos, até mesmo praticados pela própria família, resultam numa má nutrição infantil e numa atrofiada criação: vestem-se mal, passam frio, não possuem higiene, são expostas a trabalhos pesados, dormem pouco e em qualquer ambiente etc. Dessa forma, Marson tece um panorama da condição social da criança, decadente, que começa em casa, perpassando os mais diferentes ambientes de trabalho, e termina na escola.

O panorama supracitado ainda é situação real para inúmeros jovens do mundo inteiro. O difícil acesso à educação e sua precarização são fatores que, somados a outros, dificultam a permanência de crianças menos favorecidas nas escolas. Porém, além disso, para aqueles que conseguem ingressar e permanecer no âmbito escolar, o fazem com muito esforço e em condições desiguais, tendo que trabalhar (seja em casa com os pais, na roça, ou em outro trabalho externo). Realidade muito comum em espaços rurais. Nas periferias, as crianças encontram outras dificuldades, próprias da violência e do tráfico, por exemplo. Entretanto, cabe aqui ressaltar que todos os problemas mencionados são resultados de uma sociedade desajustada, que ainda vê com distorção e distanciamento os problemas da infância.

Longe das salas de aula, as alegres crianças começaram a expressar-se de diferentes formas. Para algumas isto seria um “teatro de rua” e para outras a sensação de felicidade era tanta que as motivava a agir como um agitador de portão de fábrica ou um agitador de rua. (p. 75)

O texto instiga desejos inerentes à classe trabalhadora no âmbito de ensino. Há a necessidade de a escola tornar-se um espaço de emancipação humana transformadora, em que a cultura e os valores se relacionem às experiências e interesses das crianças, enxergando seus espaços de vivências e suas demandas sociais. A escola necessita ser um espaço com infraestrutura capaz de promover o exercício do pensamento crítico da aprendizagem e de valorização das diferentes infâncias. Há, ainda, a necessidade de uma formação que não segregue disciplinas humanas, mesmo para carreiras que trafegam pelas vias “exatas” ou “técnicas”, entendendo que toda a ação humana se caracteriza pelo “trabalho”. Além do mais, a oferta de atividades desportivas, lúdicas, artísticas e outras, devem compor de maneira efetiva o currículo, de maneira interdisciplinar e crítica, afim de proporcionar a construção de bases verdadeiramente humanas. Isso nos faz questionar a forma de ensino que os professores e a escola desenvolvem.

Recebido em 31 de dezembro de 2020.
Aceito em 2 de fevereiro de 2021.